

Provided for non-commercial research and education use.  
Not for reproduction, distribution or commercial use.



This chapter appeared in:



PINTO, Ana Paula; MORAIS, Carlos Bizarro; SILVA, João Amadeu Carvalho da; PINTO, João Carlos Onofre; MARTINS, José Cândido Oliveira; LOPES, Maria José Araújo Ferreira; GONÇALVES, Miguel (Orgs.). – *Do Reino das Sombras: Figurações da Morte*. Braga: Aletheia – Associação Científica e Cultural | Publicações da Faculdade de Filosofia, 2014 [ISBN: 978-972-697-220-4].

Published by *Aletheia – Associação Científica e Cultural | Publicações da Faculdade de Filosofia*. The attached copy is furnished to the author for internal non-commercial research and education use, including for instruction at the authors institution and sharing with colleagues.

Other uses, including reproduction and distribution, or selling or licensing copies, or posting to personal, institutional or third party websites are prohibited.



ALETHEIA - Associação Científica e Cultural  
Faculdade de Filosofia de Braga  
Praça da Faculdade, 1  
4710-297 BRAGA  
Portugal  
[rpf.aletheia@gmail.com](mailto:rpf.aletheia@gmail.com)

DESDE AS TREVAS LUMINOSAS DA MORTE:  
ALGUNS ECOS ENTRE OS AUTORES CLÁSSICOS  
E OS HUMANISTAS DO RENASCIMENTO PORTUGUÊS\*

**António Maria Martins Melo**

Universidade Católica Portuguesa – Braga

antmelo@braga.ucp.pt

**Abstract**

The Greeks and Romans believed that there was a survival in underground locations: Hades, for the first, Orco or Hell for the seconds, an existence that is not happy, but is a sign of distress. On the other hand, gained roots in Greek thought the existence of the Champs Elysées, from Homer and that Hesiod identified with the Isles of the Blessed. With the Romans, the Greek vision of paradise came to identify with the underworld of Orco where the shadows of the dead, virtuous in life, enjoyed a happiness forever, a vision that gained mainly through the Dream of Scipio, insert in Book VI of the treaty Ciceronian the Republic.

Our reflection on the death will assume this hopeful position and set up essentially in one of its most harrowing demonstrations, the fratricide.

**Keywords:** *Greeks, Romans, religion, death, fratricide, humanism, Jesuits*

**0. Da concepção da morte entre os Gregos e os Romanos**

Escuta-me, senhor, cujo nome ignoro. Dirijo-me a ti, que há tanto tempo venho a invocar, para escapar a estas ondas de Posídon e à sua fúria! Nem sequer os imortais têm respeito por um pobre náufrago que vem, como eu venho hoje, a teus pés, após tantos infortúnios! Acolhe, na tua piedade, senhor, o suplicante que a ti se dirige<sup>1</sup>.

Assim dirigiu Ulisses a sua prece à divindade fluvial, depois de vencer as dificuldades do mar com o auxílio do véu da deusa marinha Leucoteia. Estas são palavras de esperança, no Canto V da *Odisseia*, versos 445 a 450, e tal espírito luminoso muito beneficiou da sábia tradução do Mestre Jesuíta, P. António Freire (1986: 108).

E porque, na próxima semana, se celebra o Dia de Todos os Santos e dos Fiéis Defuntos, ousamos trazer à colação um testemunho do dealbar do terceiro milénio, perpassado por algum 'desespero', da finitude da vida.

---

\* Este trabalho inscreve-se no Projecto 3 Matrizes Clássicas – da Antiguidade à Modernidade, da Linha de Investigação Estudos Literários e Culturais, no âmbito do PEst-OE/FIL/UI0683/2011, projeto estratégico do CEFH, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

1. Hom., *Od.* 5.445-450: «κλυθι, ἄναξ, ὅτις ἐσσί: πολύλλιστον δέ σ' ἰκάνω, / φεύγων ἐκ πόντοιο Ποσειδάωνος ἐνιπὰς, / αἰδοῖος μὲν τ' ἐστὶ καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσιν / ἀνδρῶν ὅς τις ἴκηται ἀλώμενος, ὡς καὶ ἐγὼ νῦν / σὸν τε ῥόον σά τε γούναθ' ἰκάνω πολλὰ μογήσας. / ἄλλ' ἐλέαιρε, ἄναξ: ἰκέτης δέ τοι εὐχομαι εἶναι.»

A 3 de Novembro de 1993, em Coimbra, Miguel Torga (1993: 189) havia de registar, no seu *Diário XVI*, a propósito do dia de finados, uns versos impressionantes subordinados ao título *Termo*. Mandava ele, então, pôr termo ao espírito inquiridor da sua imaginação – *Pára, imaginação! / Não há mais ventura, nem poesia / A hora é de finados [...]* – para concluir com esta metáfora, de larga tradição literária, da finitude da vida, isto é, do corpo humano enquanto suplicio terreno da alma: *Pára, porque findou / O tempo intemporal / Do amor e da graça concedida / A quem nele, no seu barro original, / Modela a sua vida*.

Na senda das origens desta poderosa imagem, aproximamo-nos do mito de Prometeu, que a terra, com a água da chuva, moldou à imagem dos deuses e daí surgiram formas de homens jamais vistas, de rosto erguido para o céu, como se pode ler no Livro I das *Metamorfoses* de Ovídio, versos 76 a 88, na tradução de Paulo Farmhouse Alberto (Ovídio, 2007: 37):

Faltava ainda um ser mais sublime que estes, mais capaz  
de conter uma alta inteligência, que pudesse reger os outros.  
Nasceu então o homem. Este, ou o fez de semente divina  
aquele artífice do universo, a origem do mundo melhor;  
ou então a terra recente, separada há pouco do alto éter,  
talvez ainda contivesse sementes do céu, seu parente, terra  
que o filho de Jápeto, misturando com água de chuva,  
moldou à imagem dos deuses que governam tudo.  
E se os outros animais, dobrados para baixo, olham o chão,  
conferiu ao homem uma cara virada para cima, e instruiu-o  
a olhar para o céu e a erguer o rosto erecto para os astros.  
Deste modo, o que há pouco era terra em bruto e sem forma  
transformou-se e assumiu formas de homens jamais vistas<sup>2</sup>.

Como que sinal da superioridade do Homem na criação, dos céus lhe havia de chegar o fogo, pela mão de Prometeu, um crime que é fonte da sua dolorosa pena, como se lê em *Ésquilo*, na sua celebrada tragédia *Prometeu Agrilhoado*, versos 29 a 34, em tradução da Professora Rocha Pereira (1998: 200-201). É a voz do deus Hefestos:

Tais são as vantagens do teu costume de ajudar os homens.  
Ó tu, deus que não temes a cólera dos deuses,  
deste honra aos mortais, que transgridem o direito!  
De castigo, ficarás de guarda a esta dura rocha,  
De pé, sem dormir, sem dobrar os joelhos.  
Muitos serão os gemidos e lamentos, que em vão  
soltarás<sup>3</sup>. (...)

2. Ov., *Met.* I.76-88: «Sanctius his animal mentisque capacius altae / deerat adhuc et quod dominari in cetera posset. / Natus homo est, sive hunc divino semine fecit / ille opifex rerum, mundi melioris origo, / sive recens tellus seductaque nuper ab alto / aethere cognati retinebat semina caeli; / quam satus Iapeto mixtam pluvialibus undis / finxit in effigiem moderantum cuncta deorum. / Pronaque cum spectent animalia cetera terram, os homini sublime dedit, caelumque videre / iussit et erectos ad sidera tollere vultus. / Sic, modo quae fuerat rudis et sine imagine, tellus / induit ignotas hominum conversa figuras».

3. Eschl., *Pr.* 29-34: «τοιιαῦτ' ἐπιύρω τοῦ φιλανθρώπου τρόπου. / θεὸς θεῶν γὰρ οὐχ ὑποπτήσων χόλον / βροτοῖσι τιμὰς ὡπασας πέρα δίκης. / ἀνθ' ὧν ἀτερπὴ τήνδε φρουρήσεις πέτραν / ὀρθοστάδην, ἄνπνος, οὐ κάμπτων γόνυ. / πολλοὺς δ' ὀδυρμούς καὶ γόους ἀνωφελῆς / φθέγγῃ: (...)

A que Prometeu vai retorquir, mais adiante, versos 106 a 113:

Mas calar ou não calar a minha sorte  
não me é possível. Coitado de mim, que, por ter ofertado  
um dom aos mortais, estou sob o jogo da necessidade.  
Fui eu que descobri, no recesso duma cana,  
a nascente furtiva do fogo, que aos homens se revelou  
mestra de todas as artes e recurso inestimável.  
Desses crimes expio agora a pena,  
Pregado com algemas, sob a luz do céu<sup>4</sup>.

Aqui se poderão ver as origens de uma concepção da morte que marcou toda a Antiguidade Clássica e que supõe a existência de um além-mundo, depois das atribuições desta existência humana. Com efeito, tanto os Gregos como os Romanos acreditavam que havia uma sobrevivência em locais subterrâneos: o Hades, para os primeiros, o Orco ou os Infernos para os segundos (Ferreira, 2004: 15). Como explica Homero, na *Ilíada*, por exemplo, versos 855 a 857, no Canto XVI, depois de recordar as últimas palavras de Pátroclo dirigidas a Heitor, ‘matador de homens’, as quais anunciaram, por sua vez, o fim próximo deste herói troiano, filho de Príamo, ‘às mãos do irrepreensível Eácida, Aquiles’, na tradução de Frederico Lourenço (Homero, 2005: 344):

Enquanto assim falava, cobriu-o o termo da morte.  
A alma evolou-se do corpo e foi para o Hades, chorando  
seu destino, deixando para trás a virilidade e a juventude<sup>5</sup>.

Mas esta existência da *psychê* (ψυχή) dos mortos, no Hades, ‘fantasmas de mortos estafados’, para usar uma expressão de Aquiles, não é feliz, antes é sinal de sofrimento. Na verdade, quando Ulisses desce aos infernos para consultar o adivinho Tirésias acerca do seu regresso, cruza-se com a sombra de Aquiles, a quem tece palavras elogiosas da sua acção; de volta, respondeu-lhe o neto de Éaco, como se pode ler no Canto XI da *Odisseia*, versos 488 a 491 (Homero, 2005: 194):

Não tentes reconciliar-me com a morte, ó glorioso Ulisses.  
Eu preferiria estar na terra, como servo de outro,  
até de homem sem terra e sem grande sustento,  
do que reinar aqui sobre todos os mortos<sup>6</sup>.

4. Eschl., *Pr.* 106-113: «ἀλλ’ οὔτε σιγᾶν οὔτε μὴ σιγᾶν τύχας / οἷόν τέ μοι τάσδ’ ἐστί. θνητοῖς γὰρ γέρα / πορῶν ἀνάγκαις ταῖσδ’ ἐνέξενυμαι τάλας. / ναρθηκοπλήρωτον δὲ θηρώμαι πυρός / πηγὴν κλοπαίαν, ἢ διδάσκαλος τέχνης / πάσης βροτοῖς πέφηνε καὶ μέγας πόρος. / τοιῶνδε ποινᾶς ἀπλακημάτων τίνω / ὑπαιθρίοις δεσμοῖς πεπασσαλευμένος.»

5. Hom., *Il.* 16.855-857: «ὣς ἄρα μιν εἰπόντα τέλος θανάτοιο κάλυψε: / ψυχὴ δ’ ἐκ βεθέων παταμένη Ἄιδος δὲ βεβήκει / ὄν πότμον γοῶσα λιποῦσ’ ἀνδροτῆτα καὶ ἥβην.»

6. Hom. *Od.* 11.488-491: «μὴ δὴ μοι θανάτόν γε παραῦδα, φαίδιμ’ Ὀδυσσεῦ. / βουλοίμην κ’ ἐπάρορος ἐὼν θητευέμεν ἄλλω, / ἀνδρὶ παρ’ ἀκλήρω, ᾧ μὴ βίωτος πολὺς εἴη, / ἢ πᾶσιν νεκέεσσι καταφθιμένοισιν ἀνάσσειν.»

Mas este além-mundo havia ainda de conhecer uma concepção de estado feliz, a que entre os Gregos se viria a dar o nome de Campos Elísios, uma expressão que aparece em Homero, como se pode ler numa passagem do Canto IV da *Odisseia*, versos 561 a 569 (Homero, 2005: 82):

Mas para ti, ó Menelau criado por Zeus, não está destinado  
que morras em Argos apascentadora de cavalos;  
para os Campos Elísios nos confins da terra  
os imortais te levarão, para lá onde vive o loiro Rodamanto  
e a vida para os homens é da maior suavidade.  
Não há neve, nem grandes tempestades, nem sequer chuva,  
mas o Oceano faz soprar as brisas do Zéfiro guinchante  
para trazer aos homens o deleite da frescura.  
Tens Helena por mulher: para os deuses, és genro de Zeus<sup>7</sup>.

Foram estas as palavras do ‘infalível’ Velho do Mar, junto do qual Menelau procurou conselho para zarpar da ilha de Faros, junto à costa do Egipto, de regresso ao seu famoso palácio na ‘ravinosa’ Lacedemónia. Quando fala do celebrado mito das cinco idades, Hesíodo havia de designar este lugar por Ilhas dos Bem-aventurados, para onde Zeus Crónida enviou a ‘raça divina de heróis, chamados semi-deuses’, perdidos alguns na guerra cruel de Tróia, como se pode ler em *Trabalhos e Dias*, versos 167, 168, 170 a 173, na tradução da Professora Rocha Pereira (1998: 95):

Aí, a uns envolveu-os o termo da morte,  
a outros, o pai Zeus Crónida concedeu-lhes uma vida e morada  
longe dos homens, colocando-os no extremo da terra.  
É aí que habitam, com o ânimo isento de cuidados,  
nas Ilhas dos Bem-aventurados, nas margens do Oceano  
de correntes profundas. Felizes heróis, para quem a terra fecunda  
produz o fruto doce como o mel, florindo três vezes por ano<sup>8</sup>.

A mesma designação e ideia semelhante de ausência de sofrimento neste lugar destinado aos bons se encontra em Píndaro, na *II.<sup>a</sup> Ode Olímpica*.

A nossa reflexão em torno da morte vai supor esta postura esperançosa e fixar-se essencialmente numa das suas manifestações mais dolorosas para a Humanidade, o fratricídio<sup>9</sup>. Na cultura

7. Hom., *Od.*4.561-569: «σοι δ' οὐ θέσφατόν ἐστι, διοτρεφὲς ὦ Μενέλαε, / Ἄργει ἐν ἱποβότῳ θανέειν καὶ πότμον ἐπισπείν, / ἀλλὰ σ' ἐς Ἥλύσιον πεδίον καὶ πείρατα γαίης / ἀθάνατοι πέμψουσιν, ὅθι ξανθὸς Παδάμανθος, / τῆ περ ῥήϊστη βιοτῆ πέλει ἀνθρώποισιν: / οὐ νικητός, οὐτ' ἄρ χειμῶν πολὺς οὕτε ποτ' ὄμβρος, / ἀλλ' αἰεὶ Ζεφύροιο λιγὸ πνεῖοντος ἀήτας / Ὠκεανὸς ἀνίησιν ἀναψύχειν ἀνθρώπους: / οὐνεκ' ἔχεις Ἑλένην καὶ σφιν γαμβρὸς Διὸς ἔσσι.»

8. Hes. *O.* 167, 168, 170-173: «τοῖς δὲ δῖχ' ἀνθρώπων βίοντον καὶ ἦθε' ὀπάσσας / Ζεὺς Κρονίδης κατένασσε πατῆρ ἐς πείρατα γαίης. / καὶ τοὶ μὲν ναίουσιν ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες / ἐν μακάρων νήσοισι παρ' Ὠκεανὸν βαθυδίνην, / ὄλβιοι ἥρωες, τοῖσιν μελιδέα καρπὸν / τρις ἔτεος θάλλοντα φέρει ζειδωρὸς ἄρουρα.»

9. O vocábulo fratricídio tem origem no termo latino *fratricidium* (*frater*, irmão e *caedere*, matar: assassinio do irmão ou irmã): o autor deste hediondo crime designa-se fratricida, vocábulo com a mesma etimologia (Ernout e Meillet, 1985: 252). A construção destes dois vocábulos é feita sobre *par(r)icida* (o assassino de um dos pais), sendo de origem nebulosa o primeiro elemento deste composto, se bem que os latinos o aproximassem de *pater*, *parens* (Ernout e Meillet, 1985: 483).

grega, a morte é personificada pelo génio alado Tãtato (do grego Θάνατος, género masculino), que se apresenta como irmão génio de Hipno (do grego Ὕπνος), a personificação do sono (*Iliada*, XIV.230 sqq., 270 sqq.; XVI.270), enquanto que em Roma ela é considerada uma deusa, a *Mors* (*Eneida*, XI.197), ou então uma pura abstracção.

### 1. Do tema do fratricídio entre os Gregos

Quem hoje transpõe os muros ciclópicos da acrópole micénica, situada no vale da Argólida, pela denominada «Porta das leoas», está longe de imaginar os pérfidos crimes que silenciosamente escondem aqueles blocos de pedra. A realeza dos Atridas, descendente da casa dos Labdácidas, encontra-se manchada pelos crimes do fratricídio, do parricídio e do incesto. Uma família a quem tocou em particular a desgraça, para exemplo dos mortais, tendo os seus heróis ocupado um lugar preferencial na inspiração dos poetas gregos; por isso, eles são o motivo central de muitas tragédias, sejam elas gregas ou, mais tarde, latinas.

Com efeito, a mitologia grega havia de celebrar alguns destes heróis como, por exemplo, Laio, Édipo, Ismena, Antígona, Etéocles e Polinices. Da morte destes dois últimos irmãos, que a ela foram conduzidos pela ambição desmedida, se ocupou Sófocles (496-406 a. C.) na tragédia *Antígona*, com representação em data desconhecida, talvez em 441 a. C.<sup>10</sup>. Embora esta seja versão consagrada pela tradição, na verdade, a esta lenda já tinha consagrado Ésquilo uma tetralogia, de que se conserva a terceira tragédia, *Os Sete Contra Tebas*, representada em 467 a. C. Também Eurípides (480 – 406 a. C.), embora sob um ângulo diferente, se havia de ocupar desta tragédia mítica da casa dos Labdácidas, em *As Fenícias*, uma peça representada certamente depois de 403 a. C.

Expulso de Tebas por Etéocles e Polinices, Édipo amaldiçoará estes dois filhos, ao predizer que cada um deles havia de morrer às mãos do outro. A fim de evitar tal maldição, decidem reinar alternadamente, pelo período de um ano. Como Etéocles, o primeiro a reinar, recusasse ceder o trono ao irmão, desencadeia-se uma disputa que os arrastará até à morte. Por ordem de Creonte, agora rei de Tebas, o cadáver de Etéocles é sepultado com todas as honras; contudo, Polinices jaz estendido no chão, ao alcance das aves de rapina, sem direito a sepulcro e a lamentações, isto é, sem direito aos rituais fúnebres, que o honrassem aos olhos dos mortos do além.

No prólogo sofocliano, que decorre em frente do palácio real, à noite, Antígona, perante a recusa da irmã Ismena, predispõe-se a desafiar o édito de Creonte, a fim de dar sepultura a Polinices. Surpreendida pelos guardas, é conduzida à presença do rei, que a interroga. Ao capricho do tirano opõe-se a indómita vontade feminina, que prefere a obediência às leis eternas e imutáveis dos deuses. São estas as palavras que Antígona dirige ao soberano de Tebas, Creonte, em tradução da Professora Rocha Pereira, versos 450 a 455 (Sófocles, 1987: 56-57):

É que essas leis não foi Zeus que as promulgou, nem a Justiça, que coabita com os deuses infernais, estabeleceu tais leis para os homens. E eu entendi que os teus éditos não tinham tal poder, que um mortal

10. Neste ponto, não posso deixar de mencionar um dos contos de Eça de Queirós (1845-1900), *O Tesouro*, em que a ambição humana desmedida conduziu os três irmãos de Medranhos, Rui, Guanes e Rostabal, ao seu próprio aniquilamento. A acção decorre no reino das Astúrias, durante a Idade Média (séc. IX), e evoca a luta contra os muçulmanos.

pudesse sobrelevar os preceitos, não escritos, mas imutáveis dos deuses. Porque esses não são de agora, nem de ontem, mas vigoram sempre, e ninguém sabe quando surgiram<sup>11</sup>.

Na discussão com Hémon, que lhe transmite o pesar dos súbditos, o tirano Creonte vai ouvir da boca de seu filho uma das frases lapidares do regime democrático da pólis, o verso 737 (Sófocles, 1987: 70): «não há Estado algum que seja pertença de um só homem»<sup>12</sup>.

Desta tragédia sofocliana, ainda duas notas: a primeira para mencionar a passagem em que se exalta a capacidade do homem, embora com dever inelutável de respeitar as leis divinas e humanas, quando o coro, constituído por anciãos de Tebas, entoa no primeiro estásimo, os célebres versos 332 e 333 (Sófocles, 1987: 52) – «Muitos prodígios há; porém nenhum / maior do que o homem.»<sup>13</sup>; depois, uma outra para evocar o duro testemunho do perdão, na defesa da família em face da pólis, quando Antígona dirige a Creonte esta frase, no verso 523 (Sófocles, 1987: 60): «Não nasci para odiar, mas sim para amar»<sup>14</sup>.

## 2. Do tema do fratricídio entre os Romanos

Quando, na história da Grécia Antiga, se demandam as raízes da reflexão política, uma originalidade grega, é impossível passar em silêncio a evocação desta alteração entre Creonte e o seu filho, Hémon, resumida na frase há pouco recordada: «não há Estado algum que seja pertença de um só homem». Ainda não vai distante o grande conflito com os Persas, no início do século V a. C., onde os Gregos (Atenienses, Espartanos, Tebanos...) ungeram com sangue a sua Liberdade de organização política. Um direito que lhes impunha, tão só, como único soberano, a Lei.

Este mesmo espírito fundacional vai acompanhar as origens de Roma.

Segundo a lenda, depois de restituírem o trono de Alba a Numitor, seu avô, Rómulo e Remo, resgatados das águas do Tibre por uma loba que os amamentou<sup>15</sup>, decidem fundar uma cidade. Na colina do Palatino havia de nascer a ilustre *Vrbs*, a 21 de Abril de 753 a. C., segundo a cronologia tradicional fixada pelo erudito Varrão.

A determinação do local exacto foi decidida pelas divindades protectoras do país que, através dos seus augúrios, vão indicar também aquele que há-de governar a nova cidade. Rómulo dirige-se para o Palatino, enquanto Remo se instala no Aventino. A consulta dos augúrios, que se manifestou propícia a Rómulo, ficou assim registada por Tito Lívio (59 a. C. – 17 d. C.), na sua obra *Desde a fundação da Cidade* (I.7.1-3):

11. Soph., *Ant.* 450-455: «οὐ γὰρ τί μοι Ζεὺς ἦν ὁ κηρύξας τάδε, / οὐδ' ἡ ξύνοικος τῶν κάτω θεῶν Δίκη / τοιοῦσδ' ἐν ἀνθρώποισιν ὤρισεν νόμους. / οὐδὲ σθένειν τοσοῦτον ψόμην τὰ σὰ / κηρύγμαθ', ὥστ' ἄγραπτα κάσφαλῆ θεῶν / νόμιμα δύνασθαι θνητὸν ὄνθ' ὑπερδραμεῖν.»

12. Soph., *Ant.* 737: «πόλις γὰρ οὐκ ἔσθ' ἤτις ἀνδρός ἔσθ' ἐνός».

13. Soph., *Ant.* 332-333: «πολλὰ τὰ δεινὰ κούδεν / ἀνθρώπου δεινότερον πέλει».

14. Soph., *Ant.* 523: «οὔτοι συνέχθην, ἀλλὰ συμφιλεῖν ἔφυν».

15. Em Roma, pode admirar-se o famoso grupo escultórico no Museu Capitolino; esta cena aparece ainda immortalizada num baixo-relevo, exposto no Museu da Civilização Romana. Posteriormente, as duas crianças terão sido recolhidas por Fáustulo, o chefe dos pastores do rei Amúlio, que havia ordenado a sua exposição.

Diz-se que, em primeiro lugar, veio um augúrio para Remo, seis abutres. Já havia sido anunciado o augúrio, quando o dobro dos abutres se veio a manifestar a Rómulo. Um e outro foram proclamados rei pelos seus partidários: uns pela anterioridade do augúrio, mas os outros, pelo número das aves, retiravam-lhe o trono. Por isso, com esta querela, travaram uma luta de ódios que se transformou em morte: ali, no meio da multidão, ferido, morreu Remo.

Uma tradição mais conhecida diz que para zombar do seu irmão, Remo saltou os novos muros. Então, Rómulo, irritado e igualmente ameaçador nas suas palavras, acrescentando «deste modo, doravante quem quer que se atreva a transpor as minhas muralhas!» matou-o.

Assim, Rómulo, só, apoderou-se do império; a cidade fundada herdou o nome do seu fundador<sup>16</sup>.

O historiador romano coloca, em cena, o combate fratricida e, deste modo, vai eleger como um dos pilares fundamentais deste acto sagrado a violência; a violência e o sagrado, lado a lado, na fundação da Cidade, eventualmente com um valor exemplar (Johner, 1991: 291-302), como deixa entrever a importância que lhe é atribuída. Com efeito, ela estava bem presente no coração dos Romanos do fim da República, que nela procuravam uma explicação para as lutas sangrentas de uma guerra civil que teimava em persistir. Por isso, não admira que no ano 38 a. C., quando as hostilidades entre o triúmviro Octávio e Sexto Pompeio começavam, Horácio (*Epodos* VII-17-20) vá perpetuar a ideia de que a guerra civil, quase ininterrupta desde o assassinio de César (15 de Março de 44 a.C.), é uma consequência deste fratricídio fundacional: «Assim é: terríveis destinos e o crime do homicídio fraterno conduzem os Romanos desde que se derramou sobre a terra, do inocente Remo, o sangue maldito para os seus descendentes»<sup>17</sup>.

O fratricídio de Rómulo parece condenar os romanos a novos fratricídios: Lucrecio (III.70-73) e Cícero (*Dos Deveres* III.41) fazem essa associação da guerra civil ao fratricídio de Remo. Uma atitude que se inscreve na tradição etiológica cultivada pelos prosadores da época republicana, em que (Nasta, 2001: 71) «a apreensão da própria situação histórica se explica a partir de uma observação das origens e da análise dessas origens em função dos seus resultados», como já acima fizemos alusão. Esta metodologia histórica valoriza os nexos de causa efeito que se estabelecem entre o passado e o presente. Com o fim da guerra civil, marcado virtualmente com a vitória naval de Octávio, em frente ao promontório de Ácio, a 2 de Setembro de 31 a.C., inicia-se um período de paz e prosperidade sem paralelo na história de Roma. A literatura vai reflectir o ideário político desta época gloriosa, em que se propõe uma integração harmoniosa entre o passado e o presente (Fox, 1996; Powel, 1992). Por isso, Horácio vai reelaborar o mito fundacional de Roma, ao assimilar a figura de Rómulo ao deus Quirino, permitindo, assim, uma aproximação gloriosa a Augusto, prenúncio da sua apoteose: isto sucede na *Ode* 3, do livro terceiro, versos 9 a 16<sup>18</sup>.

16. Liv. I.7.1-13: «Priori Remo augurium uenisse fertur, sex uulgures, iamque nuntiatio augurio cum duplex numerus Romulo se ostendisset, utrumque regem sua multitudo consulatuerat: tempore illi praecepto, at hi numero auium regnum trahebant. Inde cum altercatione congressi certamine irarum ad caedem uertuntur; ibi, in turba ictus, Remus cecidit. Vulgatiore fama est ludibrio fratris Remum nouos transiluisse muros; inde ab irato Romulo, cum uerbis quoque increpitans adiecisset: «sic deinde, quicumque alius transiliet moenia mea», interfectum. Ita solus potitus imperio Romulus; condita urbs conditoris nomine appellata».

17. Hor., *Epod.* VII.17-20: «Sic est: acerba fata Romanos agunt / scelusque fraternae necis, / ut inmerentis fluxit in terram Remi / sacer nepotibus cruor».

18. Tito Lívio refere uma versão que consagra a ascensão celeste de Rómulo (I.16.1-3).

E do período imperial, numa clara evocação das lutas entre Nero e Britânico, ficou a tragédia senequiana *Tiestes*, que representa a luta fratricida entre Atreu e Tiestes, filhos de Pélops.

## 2. Do tema do fratricídio no humanismo português

A ideia de morte fundadora – *mors conditrix* (Issaly e Morales, 2001) – aliada ao fratricídio, também se pode encontrar n' *Os Lusíadas*, do grande vate lusitano, Luís de Camões (1525-1580). Quando chegou ao porto de Melinde, na África Oriental, Vasco da Gama enviou ao rei da cidade um mensageiro, anunciando-lhe que tinha muito gosto em o receber a bordo da sua nau. Em clima de grande alegria, a frota lusitana engalanou-se para receber tão ilustre visitante. A pedido do rei, Vasco da Gama conta-lhe a história gloriosa da nação lusitana. Para isso, começa por traçar um plano para a sua exposição (III.5.7-8): «Primeiro tratarei da larga terra, / Depois direi da sanguinosa guerra».

Assim, em primeiro lugar, o «valeroso capitão» (II.109.1) vai falar da localização geográfica de Portugal, «quasi cume da cabeça / De Europa toda» (III.20.1-2) para, em seguida, se ocupar dos grandes feitos militares do Reino Lusitano, «a ditosa pátria minha amada» (III.21.1). Entre eles, o poeta vai mencionar, no canto IV, a batalha de Aljubarrota, que se iniciou ao sinal da «trombeta Castelhana, / horrendo, fero, ingente e temeroso» (IV.28.1-2). Som «terrível» (IV.28.7), medroso, que o poeta exacerbou com a ternura das mães que «aos peitos os filhinhos apertaram» (IV.28.8).

«Começa-se a travar a incerta guerra: / De ambas partes se move a primeira ala» (IV.30.1-2), «já pelo espesso ar os estridentes / Farpões, setas e vários tiros voam» (IV.31.1-2), vão crescendo os inimigos à volta «da pouca / Gente do fero Nuno (IV.31.7-8). E logo de seguida remata o poeta (IV.32):

Eis ali seus irmãos contra ele vão  
(Caso feio e cruel!); mas não se espanta,  
Que menos é querer matar o irmão,  
Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta,  
Destes arrenegados muitos são  
No primeiro esquadrão, que se adianta  
Contra os irmãos e parentes (caso estranho!),  
Quais nas guerras de Júlio e Magno.

Era o dia 14 de Agosto de 1385, perpetuado no Real Convento de Santa Maria da Vitória, mais conhecido por Mosteiro da Batalha, que o rei D. João I mandou erigir na localidade com o mesmo nome. Terminada esta horrenda guerra, o monarca «vai cometer as ondas do Oceano» (IV.48.4), o primeiro rei a fazê-lo, a fim de que «o Africano / Conheça, polas armas, quanto excede / A lei de Cristo à lei de Mafamede» (IV.48.6-8).

O poderio da ilustre *Vrbs*, evocada na oitava atrás transcrita, com uma sugestiva alusão às guerras civis entre Júlio César e Pompeu, havia de conhecer a finitude em 476 d. C., com a deposição do imperador Rómulo Augústulo, por Odoacro, rei dos Hérulos.

Mas neste século, e no seguinte, sobretudo, a grande língua de comunicação na Europa culta vai ser o Latim. No ensino médio, que começa a emergir com os Colégios dos Jesuítas, ele é a língua de trabalho obrigatória. E é assim que o teatro escolar latino vai assumir especial relevo para a formação linguística dos alunos. Mas não só. Numa época marcada pelas conclusões do Concílio de Trento, que vão impulsionar a Reforma Católica, elegem-se como assuntos primordiais para estas peças de teatro temas bíblicos. E é assim que o mestre Jesuíta, P. Luís da Cruz (1543-1604), que leccionou em Coimbra, com uma curta passagem pelo colégio de Braga, se vai inspirar na história de José do Egipto para escrever o seu *Iosephus* que, muito provavelmente, foi representado no Real Colégio das Artes, em Coimbra, em 1574 (Melo, 2004). Trata-se de uma tragicomédia novilatina, que deve ser compreendida à luz da época, marcada por um espírito de urgente *renouatio mundi* (Valentin, 1996: 131-142): no acto I, vítima da extrema *superbia fraterna*, José é condenado à morte (Jesus Cristo, inocente, também havia de ser condenado por inveja (*São Mateus*, 27.18); no acto II, Judá recomenda a venda de José por trinta moedas de prata (Judas Iscariotes entregou Jesus aos príncipes dos sacerdotes por trinta moedas de prata (*São Mateus*, 26.15). Por isso, esta história também nos é apresentada como uma *praefiguratio Christi*, na linha da tradição da Igreja.

Do ponto de vista temático, interessa-nos essencialmente o tema do fratricídio.

Luís da Cruz, embora com algumas liberdades, vai seguir o relato do *Génesis* (37-50), com excepção dos capítulos 38, 48, 49 e 50. Com nítida inspiração em Santo Inácio de Loiola<sup>19</sup>, o dramaturgo jesuíta parte duma visão universalista do mundo, onde o afastamento de Deus atirou a humanidade para as trevas do crime. Assim, numa atmosfera messiânica, vai anunciar que Deus, «recordado ainda assim do frágil barro em que encerrou as almas, Ele há-de permitir que o seu Filho se esconda na frágil urna dum corpo humano»<sup>20</sup>.

Da linhagem de Abraão vai nascer o Salvador, mas também José. Raquel conceberá e dará à luz menino, arrimo da velhice do pai Jacob, seu dilecto filho. Contudo, este é um pai que vive torturado pelas querelas domésticas, o desaforo de Rúben e os sonhos de José. Aconselha o filho a não dar importância aos seus sonhos e incentiva-o a ir ao encontro dos irmãos, de quem não tem notícias, pois há muito estão ausentes na pastorícia, para os lados de Siquém.

Entretanto, José vai-se aproximando dos irmãos: na sua inocência, imagina um reencontro feliz: «Não sei qual hei-de abraçar primeiro de entre tantos irmãos! Que vou fazer? Lanço-me nos braços de todos. Saudações a todos, meus irmãos, em nome do nosso pai»<sup>21</sup>.

Mas entre os irmãos reinava o desejo de vingança, que Rúben procura apaziguar, incitando-os a reflectir, em busca da ponderação:

19. Esta visão universalista radica na contemplação da Encarnação, no primeiro dia da segunda semana. O Pai, o Filho e o Divino Espírito Santo contemplam a face da terra, cheia de homens, que se precipitam nas chamas infernais. Misericordioso, Deus vai redimir o género humano, enviando-lhe o seu Filho, que vai incarnar no seio da Santíssima Virgem (Loiola, 1999: 63-66).

20. Luís da Cruz, *Iosephus*, Prologus, vv. 94-96: «tamen abdisse fictili testa memor / animos recondi amoris ergo, filium / corporis in urna fragilis humana sinet». Todas as traduções desta obra são nossas.

21. Luís da Cruz, *Iosephus*, vv. 607-609: «Amplectar quem priorem de tot fratribus, / Dubito. Quid ergo? Me fero in sinum omnium. / Saluete fratres patris omnes nomine».

DĀ – Precisamos de tomar um conselho? Vou já a correr para matar o rapaz.

RÚBEN – Não te precipites, Dā, para o assassinio de teu irmão. É preciso deliberar muito, antes de manchares as tuas mãos ímpias com a morte de um irmão.

DĀ – Que dizes, Rúben?

RÚBEN – Dā, as acções a praticar devem antes ser guiadas por um conselho sensato. (...) Pelo menos, evita um crime cruel de derramamento de sangue. Há, aqui perto, no bosque, uma cisterna. Agarra-o e atirem-no para lá. Que o menino ali expire sepultado: com esta morte incruenta, poreis fim aos vossos receios<sup>22</sup>.

Rúben opõe-se, deste modo, ao fratricídio e leva a “assembleia” dos irmãos a optar pela cisterna, num *agôn* que se caracteriza pelo *genus deliberativum*, um dos três géneros oratórios aristotélicos.

Recuando um pouco no livro do *Génesis*<sup>23</sup>, no seu quarto capítulo encontramos o relato de um dos primeiros homicídios da humanidade, consumado numa das suas formas mais dolorosas, o fratricídio: por ciúme, Caim mata o seu irmão, de nome Abel.

Expulsos do jardim do Éden, à custa de penoso trabalho, Adão e Eva hão-de arrancar à terra o alimento (*Génesis*, 3.17). Com sofrimento são gerados Caim e Abel: o primeiro dedicou-se à agricultura, Abel à pastorícia. Nasce, assim, a primeira família, com uma existência marcada pelo quotidiano suor do rosto.

A acalmia das lides domésticas viria a ser interrompida abruptamente. Com efeito, a fé de Abel levou-o a fazer uma oferenda dos primogénitos do seu rebanho ao Senhor, que o olhou favoravelmente. Caim imitou o exemplo do irmão, mas não havia de colher a mesma simpatia. E sobreveio o ciúme.

Caim, matreiro, vai dissimular a sua ira e convidar o irmão para uma escapadela no campo. Longe da casa paterna, o inocente Abel iria tombar às mãos do irmão.

Não obstante este horrendo crime, outorgam os textos sagrados a Caim a fundação da primeira cidade, que recebeu o nome do seu primeiro filho, Henoc. Bagatelas ou, melhor, questiúnculas triviais continuam a justificar a presença do homicídio. Lamec, um dos habitantes desta cidade, confia às suas mulheres que matou um homem que o havia ferido; igual sorte conheceu um rapaz que o pisou.

Nas Sagradas Escrituras, a descendência de Caim é, em seguida, votada ao esquecimento, para se ocuparem exclusivamente da linhagem de Set, filho de Adão (*Génesis*, 5). Entre os numerosos descendentes, chamou a nossa atenção Henoc que «andou na presença de Deus, e desapareceu, pois Deus levou-o» (*Génesis*, 5.24). Esta desapareção misteriosa, reiterada noutras passagens bíblicas (*Carta aos Hebreus*, 11.5; *Eclesiástico*, 44.16 e 49.14), traz-nos à memória Rómulo e Utnapistim, o

22. Luís da Cruz, *Iosephus*, vv. 574-579, 592-596: «DA. Consilii egemus? Puerum ut occidam ruo / RV. Ne Dane praeceps fratris in caedem rue. / Deliberare oportet ante plurimum, / quam caede fratris impiam tingas manum. / DA. Quid ais Rubene? RV. Dane, maturo prius / Patrandam debent facta consilio regi. (...) /...Immane saltem sanguinis / fusi cauetur crimen, est in proximo / cisterna luco, tollite, ablatum date / praecipitem, ibi sepultus expiret puer:/ et incruenta morte ponetis metum».

23. Um dos cinco livros de Moisés, que integra o Antigo Testamento; os outros quatro são o *Êxodo*, o *Levítico*, os livros dos *Números* e o *Deuterónimo*. A este conjunto dá-se a designação de *Pentateuco*, um dos livros históricos do Antigo Testamento.

protagonista do dilúvio mesopotâmico na epopeia de Gilgamesh. E assim se vão identificando na narração bíblica de Caim e Abel aspectos idênticos àqueles que acompanham a fundação de Roma.

Primeiro, o Egípcio, agora, a referência à civilização do Próximo Oriente; na verdade, à riquíssima tradição cultural sumero-acádica não é alheia a redacção do *Gênesis*, o primeiro livro da Bíblia. Um dos temas que aproxima aquele poema épico das Sagradas Escrituras é a referência ao dilúvio, embora testemunhem universos teológicos distintos<sup>24</sup>. Nesta tradição épica se filiam também os Poemas Homéricos, a *Ilíada* e a *Odisseia*.

### Conclusão

Por estes testemunhos se vê que é inquestionável a existência de um 'além-túmulo'. Entre os Gregos, o local desta existência identificava-se com o Hades, um lugar subterrâneo, onde a *psiché* do homem vivia uma felicidade sofrida. Contudo, o espírito religioso dos Gregos havia ainda de conhecer a concepção de um estado de verdadeira felicidade além-túmulo, que já em Homero se identifica com os Campos Elísios, e Hesíodo identifica com as Ilhas dos Bem-aventurados.

A mesma ideia se surpreende claramente nos rituais de fundação, analisados a partir da perspectiva de um fratricídio, onde se concorrem duas forças opostas, o sagrado e a violência. Mas também o bom e o mau.

Com os Romanos, esta visão helénica do paraíso passou a identificar-se com o mundo subterrâneo do Orco onde as sombras dos mortos, virtuosos em vida, gozavam de uma felicidade para sempre. É assim que Virgílio descreve a chegada de Eneias aos Campos Elísios, no Canto VI, da Eneida, na tradução da Professora Rocha Pereira (1990: 285), aos «lugares alegres e à amena verdura, / à mansão bem-aventurada dos bosques afortunados» (vv. 638-639)<sup>25</sup>, a que acrescenta logo de seguida estes cinco versos (Pereira, 1990: 286):

Aí, um ar mais generoso reveste os campos de uma luz  
purpúrea, têm o seu Sol, as suas estrelas.  
Uns exercitam os membros em palestras relvadas,  
defrontam-se em jogos e lutam na areia fulva;  
outros marcam com o pé o ritmo da dança e dizem poemas<sup>26</sup>.

É natural que neste momento se pense nos modelos literários que terão inspirado o vate mantuano, como aqueles que citámos logo ao início. E será entre os Gregos que se há-de encon-

24. No plano religioso, assiste-se a uma oposição entre o monoteísmo bíblico e o politeísmo babilónico. Depois deve sublinhar-se que o dilúvio bíblico assume fundamentalmente um desígnio salvífico da humanidade, sem distinção entre judeus e pagãos, através de uma aliança que Deus estabelece com Noé: a história da salvação apresenta-nos Abraão como descendente de Sem, filho de Noé (*Gênesis*, 11.10-32).

25. Verg., *Aein*. VI.638-639: «devenere locos laetos et amoena virecta / fortunatorum nemorum sedesque beatas».

26. Verg., *Aein*. VI.640-644: «Largior hic campos aether et lumine vestit / purpureo, solemque suum, sua sidera norunt. / Pars in gramineis exercent membra palaestris, / contendunt ludo et fulva luctantur harena; / pars pedibus plaudunt choreas et carmina dicunt».

trar possivelmente um indício desta atitude de colocar os bem-aventurados debaixo de terra, mais concretamente num fragmento de Píndaro.

Seja como for, na extensa lista dos que aqui são colocados, uma atenção especial merecem aqueles que mais devotadamente se entregaram ao bem comum, ao engrandecimento de Roma; entre eles, vamos encontrar os dois Cipiões, o vencedor de Zama e o destruidor de Cartago. E através deles é possível fazer-se uma aproximação a outra possível fonte literária deste passo, o célebre Sonho de Cipião, inserto no Livro VI do tratado ciceroniano *A República*. Transcreve-se a passagem final deste livro, em que Cícero propõe como prémio para o bom governante, não já a glória do bom nome alcançado em vida, mas a glória da imortalidade astral, uma passagem na tradução de Francisco de Oliveira:

Exercita-a, tu, nas melhores acções! Ora, os melhores cuidados são os da salvação da pátria. Movida e exercitada por eles, a alma voará mais veloz para esta sede e para a sua morada. E mais depressa o fará se, enquanto estiver encerrada no corpo, sair de lá para fora e, contemplando o que existe no exterior, se libertar ao máximo do corpo. É que as almas daqueles que se entregaram aos prazeres do corpo e se comportaram quase como seus servidores e, dóceis ao impulso das paixões escravas dos prazeres, violaram as leis dos deuses e dos homens, essas, após escaparem dos corpos, andam à volta da Terra e não regressam a este lugar senão depois de perseguidas durante muitos séculos<sup>27</sup>.

---

27. Cic., *Rep.* 6.29: «Hanc tu exerce optimis in rebus! sunt autem optima curae de salute patriae, quibus agitatus et exercitatus animus velocius in hanc sedem et domum suam pervolabit; idque ocius faciet, si iam tum, cum erit inclusus in corpore, eminebit foras et ea, quae extra erunt, contemplans quam maxime se a corpore abstrahet. Namque eorum animi, qui se corporis voluptatibus dederunt earumque se quasi ministros praebuerunt impulsuque libidinum voluptatibus oboedientium deorum et hominum iura violaverunt, corporibus elapsi circum terram ipsam volutantur nec hunc in locum nisi multis exagitati saeculis revertuntur».